

**IANNINI, G. “Estilo e verdade em Jacques Lacan”. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 374 p.**

*José Luiz Furtado\**  
*josefurtado1956@hotmail.com*

A extrema importância do pensamento lacaniano para o desenvolvimento da psicanálise costuma ofuscar em certa medida sua influência sobre a filosofia contemporânea. De certo não são poucos os trabalhos dedicados a rastrear a obra de Lacan em busca das referências a obras filosóficas, de resto, notórias. Porém, a influência da obra lacaniana sobre a filosofia se deu menos pelo fato de ter sido lida e analisada pelos filósofos do que por ter entrelaçado definitivamente, a meu ver, o destino da psicanálise ao da filosofia. Lacan reverteu – se não perverteu – a tendência característica da psicanálise nascente a inclinar-se para os lados da psicologia ou psiquiatria e de certo modo obrigou os psicanalistas a lerem e debaterem conceitos filosóficos. O livro de Gilson Iannini, intitulado “Estilo e verdade em Jaques Lacan”, faz justiça a este trânsito de mão dupla, entre os mais fecundos do século passado, entre filosofia e psicanálise. Trânsito possibilitado pela via aberta pelo psicanalista francês, principalmente no que diz respeito ao absolutamente fundamental conceito de verdade. Lacan vê no inconsciente freudiano a ocasião para uma reflexão revigorante sobre os conceitos tradicionais de verdade e sujeito e não hesita em contrapor a obscura verdade da fala do analisando – e também da linguagem cotidiana – àquela das proposições apofânticas da teoria filosófica. Digamos que Lacan joga um conceito de verdade contra o outro. Mas não no sentido de substituir um conceito considerado inválido ou insuficiente

\* Doutor em Filosofia pela UFMG. Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFOP. Resenha recebida em 15/04/2013 e aprovada em 15/07/2013.

por outro claro e evidente, deixando os dois na mesma situação anterior ao confronto. Lacan põe seriamente em xeque a tendência do pensamento filosófico a petrificar a verdade separando-a do processo da sua constituição. Como a verdade pode ser igualmente absoluta e temporal? Talvez seja esta a mais instigante problemática filosófica, pois, não sendo absoluta, não é verdade, se for intemporal não será humana.<sup>1</sup> Neste ponto analisando a crítica lacaniana da concepção de linguagem em Richard e Ogden, Ianini mostra como “não há verdade sem enunciação”. Retomando o que haveria de mais autêntico na filosofia cartesiana, o autor ressalta o enraizamento da verdade na certeza subjetiva do eu que pensa. Para Descartes, o “eu penso” é verdadeiro “por todo tempo em que eu penso”, ou seja, é inseparável da dinâmica interna da subjetividade viva e concreta. Ou, dito de outra forma: é acontecimento. Por isso a verdade é essencialmente histórica. Toda verdade efetiva acontece na vida de um homem – o que quase sempre esquecemos. Às vezes como episódio quase mortal (Galileu: “*eppur si muove*”), às vezes na dependência de um *tour de force* (ver as dificuldades da descoberta das órbitas elípticas dos planetas), outras como uma tragédia incomensurável (Édipo, Diadorim).

Daí a essencial maleabilidade do discurso às verdades inconscientes que aparecem na cena dos sonhos, chistes, atos falhos, ambivalências ou denegações. Eis a verdade que interessa fundamentalmente à psicanálise.<sup>2</sup> Não a das teorias e fórmulas filosóficas, dos raciocínios evidentes e probatórios, mas a que é dita amiúde, falada nas ruas, despertada nos consultórios, objeto de conversa mais do que argumentação científica. A verdade, enfim, como sentido vivido. Esta para a qual não há “outro do outro”, não comportando nenhuma forma de prova separada da dor ou alegria do seu proferimento (gozo). Que só pode ser dita aprisionada a um estilo.<sup>3</sup> Numa palavra: sem o fora de uma metalinguagem por onde poderíamos escapar dela.<sup>4</sup> Metalinguagem, aliás, que só teria sentido se pudéssemos dissociar pensamento e linguagem, sendo esta considerada apenas um instrumento neutro de expressão do primeiro. Ao contrário, Iannini, na senda de Lacan, nega veementemente esta separação: “aprender a linguagem como instrumento de comunicação e um sistema

1 Duas estratégias – o dogmatismo e o relativismo – se debateram ao longo da história da filosofia para rechaçar a verdade como tarefa, ou, se se quer, a tarefa da verdade. O idealismo a situa já pronta de uma vez por todas como ideia; o relativismo a dissolve na infinita diversidade dos pontos de vista. De um lado, a verdade eternamente fixada, de outro, efêmera.

2 “A concepção de linguagem tão vivamente advogada por Lacan... deriva das necessidades impostas pela prática clínica” (p. 265).

3 Ver seção 11, principalmente.

4 Esta tese, central, repete-se sob variadas e precisas formulações ao longo de todo o texto de Iannini. Cito aqui apenas uma formulação entre tantas: “instância que seria capaz de fornecer uma linguagem asséptica e livre de impurezas da língua comum” (p. 269).

de representação da realidade, consistente com a correlativa concepção de verdade enquanto medida da capacidade dessa linguagem de representar o mundo (*adequatio*) ou de figurar um estado de coisas (Wittgenstein)” (p. 271). Resumindo: a linguagem é a substância – não o instrumento – do sujeito, ou do processo da sua subjetivação.

Se, então, não há verdade sem enunciação, também não há verdade sem um sujeito concreto que a enuncie como sua verdade<sup>5</sup> e estamos então presentes à instigante relação proposta por Iannini entre “estilo e verdade”. A verdade, para ser, precisa ser dita, e cada um a diz a seu modo, isto é, modulada por um certo estilo, segundo um certo timbre da voz ou jeito de corpo: “a verdade se enuncia como pode” (p. 348). Ou seja, a enunciação da verdade não está necessariamente ligada a um saber: ela pode ser inconsciente. Deste ponto de vista, a psicanálise nos põe em contato com uma dimensão poética da linguagem, com a “pura experiência da linguagem sem preocupação com a projeção de um sentido capaz de designar um referente” (p. 320).

Mas o “estilo” não seria uma estrutura no sentido proposto por Iannini de sistema de relações entre formações que não são diretamente observáveis? (p. 224) Em outros termos: algo que permanece constante quando os elementos de um todo se transformam mantendo, entretanto, entre eles as mesmas relações? Tudo que permanece constante entre dois romances distintos de um mesmo escritor (com estilo)? O que no sujeito permanece afixado a sua fala quando ele diz a verdade tanto quanto a mentira? O que permeia o seu modo de amar assim como o de odiar? O estilo tem a ver com o que há de *in-comum* nos modos de existir. Não indica uma “comunidade definida pela partilha de propriedades comuns” (p. 227) ou seja, um gênero. É nesse sentido que invoca o pensamento das “classes paradoxais” e nos dá a pensar no que há de verdade por detrás de conceitos tais como o de neurótico (“o” neurótico) (p. 228). Paradoxalmente, embora seja estrutural, o estilo não é compartilhável. O neurótico x é tão singular, como neurótico, quanto o outro neurótico y. Mas sem que as características individuais distintas da vida de cada um sejam um acidente do universal “neurose”: “alguma coisa escapa inexoravelmente dessa redução” (p. 218). Então nada mais errado do que conceber o estilo visado pela investigação de Iannini como um paradigma intragenérico. Podemos dizer que o estilo é um gênero apenas se o apresentarmos como gênero de condutas individuais. Não como, por exemplo, o gênero das condutas neuróticas, mas como o gênero das condutas que no neurótico, escapando do paradigma ou

5 A verdade, dirá Merleau-Ponty, que era íntimo de Lacan, “passa por mim e pelos outros ao mesmo tempo”.

das condutas tipificadas, fazem dele justamente um neurótico: “isso mesmo que os disjunta é o que faz com que se refram uns aos outros, embora não se assemelhem nem se liguem” (p. 226).

Esta relação dialética entre o universal e o singular estará no centro das preocupações de Iannini. Ao final do livro, criticando a interpretação do conceito lacaniano de verdade como “realista”, o autor frisa “a irredutibilidade do caso singular ao universal, da enunciação ao enunciado”, citando Miller: “da nada serve ter uma regra, porque ainda é preciso determinar se o caso singular cai sob a regra” (p. 359). E conclui: “a lógica nos deixa desamparados” (*idem*). De fato, para Lacan, não mais seria possível, após Freud, “expulsar o não sentido como elemento extralinguístico ou esperar a consistência integral da linguagem” (p. 265). O próprio “dinamismo do inconsciente” exige a reelaboração da compreensão da linguagem de tal modo que a metáfora e a metonímia sejam vistas não mais como “desvios linguísticos em relação a um discurso literal” e sim como a própria essência da linguagem (p. 279). Porque “a verdade opera justamente no ponto em que se entrelaçam o simbólico e o real” (p. 283) o aspecto ficcional da linguagem, do qual os procedimentos discursivos metafóricos e metonímicos são partes integrantes, torna-se essencial. “O impossível da ficção é indispensável ao funcionamento da linguagem e da subjetividade” (p. 237).

Pois é justamente aí, no entrecruzamento do simbólico com o real, do universal e do singular, da formalidade e da materialidade, que se dá a ver o estilo. Primeiramente o estilo de Lacan possui uma função militante de extrema importância:

o desvirtuamento dos conceitos freudianos deve-se à sua assimilação a significados cristalizados da cultura, isto é, ao excesso de sentido e compreensibilidade e não à sua falta. No caso específico, à sua incorporação nos espaços vazios de uma estrutura previamente dada. Isto é, a conformação do discurso psicanalítico aos ideais, procedimentos e estruturas da ciência estabelecida e da sociedade vigente é que oculta o grão de verdade da descoberta freudiana. (p. 298)<sup>6</sup>

Que o digam as traduções dos termos freudianos *Geist* e *Trieb* para o inglês, por exemplo, como respectivamente *mind* e *instict*, que simplesmente anulam o que há de mais importante e mesmo revolucionário na concepção freudiana de subjetividade, assimilando-a a conceitos familiares.

6 E mais: “o que há de verdadeiro na psicanálise não pode ser corretamente avaliado segundo os parâmetros preestabelecidos de cientificidade, de modos de socialização ou de formas discursivas” (p. 298).

Mas, para além deste aspecto combativo, o estilo de Lacan apresenta um outro, de ordem gnosiológica, para não falar ontológica. Para dizer tudo de uma vez, “o estilo não é o homem”. O estilo é o objeto na medida em que se materializa na fala e na escrita lacanianas. Trata-se, acima de tudo, “de uma prática da linguagem, de um discurso que traz a marca dessa divisão entre saber e verdade, de uma enunciação pautada pelo semi-dizer, de um estilo que não é afirmado teoricamente, mas experimentado na própria exposição” (p. 310). Estilo não calcado em qualquer idiosincrasia da personalidade de Lacan, mas na própria tese fundamental da primazia do significante da qual Lacan pretende fazer uso explícito em seu discurso. Por isso Lacan “considera o mito e a poesia a manifestação mais visível da essência da linguagem e da primazia do significante sobre o significado como formas de conhecimento legítimas em si mesmas e aptas a expressar, melhor que outras certos aspectos da realidade humana” (p. 318).

Daí, podemos considerar o estilo “poético” e “metafórico” de Lacan – o seu “obscurantismo” – como sendo programático. Trata-se de proceder *como* a linguagem poética e mitológica – admitindo-se que são ambos modos de acesso à verdade –, recusando o salto cientificista para uma discursividade normatizada logicamente e pretendidamente “neutra”. “A singularidade de Lacan”, afirma Iannini, “consiste neste duplo movimento aparentemente antagônico: ao mesmo tempo que critica a metalinguagem e a declara impossível, ele conserva a centralidade da questão da verdade e não proclama sua inefabilidade” (p. 357). Uma tarefa como essa não definiria, hoje ainda, a própria filosofia?